

## MIRIAN GUARACIABA

## Teste de resistência

Uma das acusações que pesam contra o governador Joaquim Roriz é a de que, em seu segundo mandato, facilitou o inchaço da capital da República. Generoso com os que vêm do Nordeste, sem casa e sem trabalho, teria fechado os olhos para as invasões, transformadas depois em assentamentos.

Assessores do governador Joaquim Roriz dispõem de números que desmentem a tese. Não houve inchaço de Brasília em sua gestão. Estatísticas oficiais mostram que no segundo mandato de Roriz a cidade não cresceu.

Ao contrário, atestam assessores. O governador pôs ordem na cidade, organizando assentamentos onde não existiam condições mínimas de sobrevivência.

Mas os números de Roriz são referentes a um período que terminou em 1994. Em 1999, no terceiro mandato, ele novamente se vê às voltas com o grave problema da migração brasileira. Desta vez, com medidas retardatárias que não impediram o crescimento acelerado das invasões em apenas poucas semanas.

O governo admite quinze novos focos de invasões desde o final de dezembro. Mas a soma pode che-

gar a 21. São centenas de famílias, pobres, famintos, sem-teto, sem-emprego. Velhos, crianças, mulheres e homens frágeis.

Eles chegam aos grupos, instalam-se, armam barracos, fazem ligações clandestinas de luz e água, e já têm endereços com rua, número e bairro. Ninguém duvida de que são famílias necessitadas.

Fazem parte de um batalhão de miseráveis que, contrariando estatísticas do governo federal, vem aumentando em todo o país. Hoje, são noventa milhões de brasileiros vivendo com menos de dois salários mínimos, e cinquenta milhões com menos de R\$ 130. Fora os que vivem sem nada.

Mas as invasões de terra pública, com a ameaça ao meio ambiente e à segurança da cidade — gatos de luz são extremamente perigosos —, não resolverão os problemas da população miserável deste país. As incursões são ilegais e sacrificam os brasileiros, já obrigados a conviver com suas graves pendências.

Às autoridades de Brasília cabe coibir os abusos e impedir a ilegalidade, sob pena de ver a cidade transformada em terra de ninguém. E as medidas são urgentes. A cada dia,

mais famílias desembarcam na capital, novos barracos são instalados.

Na semana passada, o governador deu prazo de 72 horas para que os invasores desocupassem as áreas públicas. Sabe-se, entretanto, pelos próprios migrantes, que as chances de que isso aconteça são remotíssimas.

O governador e seu secretário de Segurança, Paulo Castelo Branco, não admitem o uso da violência na retirada dos invasores. Nem a cidade quer assistir novamente a batalhas urbanas como se viu — uma vez — no governo de Cristovam Buarque.

Então, Joaquim Roriz terá quer fazer milagre para sustar o processo célere e planejado de ocupação dos espaços verdes e vazios da cidade. Alcimar Alves de Faria, 38 anos, invasor de Samambaia e pintor de placas e letreiros, disse na semana passada que a ocupação é legítima.

Numa proposta inusitada — e ousada — Alcimar aceita negociar a terra que invadiu. A evangélica Graça Albuquerque, 45 anos, invoca Deus e dá uma idéia da resistência dos invasores: “Pode chover até canivete. Nós não somos feitos de açúcar”.